

# A Existência dos Qualia

Daiane Cristina Angolini  
Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação  
Departamento de Computação e Automação  
angolini@dca.fee.unicamp.br  
Unicamp – Campinas

## Resumo

A existência dos qualia já vem sendo discutida há muito tempo. Há forte debate, e muitos argumentos tanto do lado que acredita na existência, quanto do lado que acredita que *quale* é um conceito falho e que deve ser abolido.

Este artigo mostra como que a existência do conceito *quale* é irrelevante e que a argumentação encontrada não passar de discussão sem fundamentação.

Como saída para o dilema da existência dos qualia, propõe-se uma abordagem formal com uma conotação mais matemática ou biológica.

**Keywords:** qualia, quale, quine, experiência, estados mentais.

## 1. Introdução

*“Amor é fogo que arde sem se ver”*  
Camões

Toda adolescente já ouviu que só saberá o que é ficar apaixonada quando ficar. Não há palavras suficientemente eloquentes para descrever como é ser uma pessoa que ama. Mesmo Camões não foi capaz de escrever o sentimento, apesar de todos os enamorados concordarem veementemente com o poema clássico.

Isso se dá porque o sentimento de cada um é algo particular, tão pessoal que é difícil transcrever em palavras para que outra pessoa possa compreender.

O mesmo acontece com a sensação que se tem quando uma palavra está ‘na ponta da língua’. A sensação é clara, mas é difícil de descrevê-la.

Todas essas formas pessoais de sentir o mundo é que os filósofos chamam de *qualia*, plural de *quale*. É a forma como as coisas são para cada um de nós. Há inúmeros exemplos de qualia. O gosto do morango, você sabe qual é, você sabe inclusive diferenciar o gosto da fruta do gosto artificial usado nos sucos prontos, você pode até tentar

descrevê-lo, mas como é o gosto de morango para você, exclusivamente, não há forma de uma segunda pessoa saber. Outra pessoa pode experimentar um morango, mas ainda assim, o gosto que você sente não pode ser sentindo por mais ninguém.

Há autores que definem os qualia dotando-os de quatro propriedades: inefáveis, privados, intrínsecos e diretamente percebidos em nossa consciência. Esta é tida a forma tradicional de descrever os qualia, foi proposta por Locke e foi usada por Dennett .

Porém, há também autores que usam definições mais informais , mais próximas á visão intuitiva, dizendo, por exemplo, que quale é a forma como as coisas se parecem para cada um (“*the ways things seem*”).

Sendo um conceito filosófico antigo, provavelmente originário do século dezesseis, os qualia são discutidos há muito tempo. Mas mesmo essa discussão não foi capaz de solucionar suas principais questões. Sua existência ainda hoje é questionada.

Trata-se de um conceito complexo que envolve questões sobre a consciência e sobre o clássico problema do corpo-mente e talvez justamente por isso sobre um severo ataque.

Apenas questionar a existência de um conceito não é equivalente a questionar a veracidade de um ponto específico e direcionado em sua teoria. É fazer com que todo o trabalho feito sobre esse conceito tenha que ser revisto. Nesse caso, séculos de trabalho.

Em defesa dos qualia, poeticamente, diz-se que negar a existência dos sabores, sons e cores é como negar a existência do amor que levou Camões a escrever cada um de seus belíssimos sonetos.

## 2. Quining qualia

Dennett é o autor que nega a existência dos qualia. Seu artigo foi duramente combatido , e foi educadamente explicado .

Nos primeiros parágrafos, Dennett explica o verbo ‘*quine*’ e define o conceito de qualia a partir do que ele chama de vertente *tradicional* que dota o qualia de quatro propriedades.

To *quine*, em inglês, é negar a existência de alguma coisa. As quatro propriedades da definição tradicional dos qualia já foram apresentadas: inefável, privado, intrínseco e diretamente percebido (sem possibilidade de falha) em nossa consciência.

Nas páginas seguintes, Dennett, usando de exercícios mentais, constrói argumentos para mostrar que nossas sensações e experiências (os supostos qualia) na verdade não podem ter as propriedades que as definem invalidando o conceito.

Para citar um desses exercícios (chamados de *intuition pump*):

Chase e Sanborn são dois degustadores de café que trabalham na Maxwell House avaliando o café produzido lá.

Um dia, Chase conta a seu amigo que depois de trabalhar seis anos, não acha mais que o café da casa é o mais gostoso do mundo. Diz que o gosto do café não mudou, mas que ele se tornou um degustador mais sofisticado e que não gosta mais *daquele* sabor de café.

Sanborn concorda, diz que é engraçado ter tocado nesse assunto, pois ele também não gosta mais do sabor do café da Maxwell House. Porém, diz que o gosto do café não mudou, o que mudou nele foram os sensores de sabor ou então algum outro componente no processo de análise do sabor.

Ambos dizem que o sabor do café não mudou, e todos os outros degustadores confirmam que o sabor continua o mesmo de seis anos atrás. Mas ambos gostavam do sabor e deixaram de gostar. Cada um aponta um motivo.

Depois de descrever o cenário, são apontadas as possibilidades para a mudança de cada um dos senhores. Rapidamente, Chase pode ter sofrido mudança no julgamento do sabor, como ele pensa, ou pode ter sofrido uma mudança na memória associada ao sabor. Mas ele não é capaz de saber o que ocorreu. E mesmo que tenha ocorrido uma combinação das duas opções ainda assim não será capaz de saber qual a proporção de cada um dos fatores.

Com isso, a propriedade de infalibilidade (diretamente perceptível, sem possibilidades de erro, de nossa consciência) não se sustenta.

Este exemplo mostra um dos argumentos, de forma rápida, porém, o mais importante argumento levantado por Dennett, se encontra logo nas primeiras linhas. E mesmo sendo o pilar

de todo o trabalho formulado depois, não foi considerado por alguns dos que combateram suas idéias.

Dennett defende que um conceito tão obscuro não pode ter seu estudo considerado científico. Como estudar algo que é, por definição, inefável, existente somente do ponto de vista da primeira pessoa? Somente pelo introspeccionismo é que seríamos capaz de verificar tal conceito? E o mais importante, que crédito nossa viagem introspeccionista deve ter no cenário científico?

Não é de se estranhar que ir de encontro com um conceito já bem fundamentado (ou, verdadeiramente, já tido como bem fundamentado) tenha causado muita resposta, muitos trabalhos trazendo de volta o tradicional.

### 3. O mistério da consciência

No quinto capítulo de seu livro, Searle critica duramente a visão de consciência de Dennett, incluindo seus estados (os qualia).

Searle acusa Dennett de sofrer de uma ‘patologia intelectual’ pelo fato de não acreditar nos qualia. Gasta o capítulo inteiro atacando suas idéias e comparando-as com as evidências intuitivas em que acredita.

Ao final do capítulo apresenta a resposta de Dennett.

É um capítulo muito intenso e pouco científico. Os argumentos são pouco explorados e a maior parte do tempo Searle parece defender sua honra, de uma forma pessoal. Ataca usando como argumento outros artigos que foram combatidos por Dennett. Sem dúvida trata-se de um capítulo muito emotivo o que o torna um tanto questionável.

### 4. Mais ataque

Alguns artigos se dedicam a mostrar que os argumentos levantados por Dennett em seu artigo bombástico estão equivocados.

Alguns dos *intuitions pumps* são combatidos com argumentos que pretendem cobrir as lacunas na argumentação usada por Dennett. Os autores estão convencidos que seus argumentos combatem satisfatoriamente os levantados em mostrando que o conceito permanece coerente.

Apesar de atacarem Dennett de ser superficial e contar a história conforme lhe convém, os argumentos usados nesses artigos são tão superficiais e parciais quanto os de Dennett.

### 5. Tentativa científica

Uma tentativa científica e até mesmo um tanto behaviorista (em contraste ao instrospeccionismo visto até agora) é mostrada em . Traz uma ótima explicação do conceito de qualia e pretende provar sua existência de forma científica usando exemplos que são testes para o leitor.

Para que o conceito seja entendido, usa uma analogia com um peixe elétrico. Imagine a existência de um peixe elétrico com a complexidade mental de um ser humano e que é capaz de sentir o campo elétrico dos outros peixes. Um ser humano não é capaz de sentir o mesmo que o peixe quando está em um campo elétrico, porque não tem o aparato necessário para isso. O peixe, supondo que ele é capaz de comunicação, não é capaz de exprimir o que é sentir o campo elétrico. Este sentir é chamado de qualia.

Usa várias anormalidades como a síndrome de Charles Bonnet<sup>1</sup> e a sinestesia<sup>2</sup> para mostrar de forma científica a legitimidade do conceito estudado.

A principal novidade introduzida pelo artigo é a visão de que não é possível se exprimir exatamente o que é, por exemplo, o vermelho, porque *vermelho* é uma tradução do que sentimos ao vermos a cor. Como toda tradução não encerra toda a complexidade do termo. Vermelho é o que nossos neurônios recebem de nossos sensores. A descrição verbal dessa sensação é uma tradução e, portanto, não é completa.

Um trabalho relativamente extenso é feito sobre características do ponto cego natural do olho humano e com figuras ambíguas, como por exemplo, a figura 1 mostrada mais à frente nesse artigo.

Mesmo pretendendo ser um trabalho totalmente científico, os argumentos usados não são suficientemente completos e irrefutáveis para provar a existência do conceito. A superficialidade e parcialidade se mantêm.

## 6. Desqualifying Qualia

Mesmo com todo ataque que sofreu, Dennett volta a debater o tema em seu livro alguns anos mais tarde.

Um capítulo inteiro é dedicado a desqualificar os qualia. Iniciando com uma analogia, Dennett mostra que o conceito já foi tão distorcido,

---

<sup>1</sup> Síndrome em que o indivíduo com um ponto cego causado por uma deficiência visual tem uma alucinação exatamente nesse ponto cego.

<sup>2</sup> Um exemplo de sinestesia é a dor sentida em membros amputados.

esticado, repuxado, que não serve mais para nada, como uma linha emaranhada.

Neste capítulo o autor responde vários questionamentos que foram levantados por seu artigo. Volta a falar dos simpáticos degustadores de café. Discute longamente o propósito das cores, o problema do espectro invertido. Discute se o som da árvore que cai na floresta deserta existe ou não. Ou seja, se certas propriedades secundárias (como o som) é propriedade mental ou do objeto.

O capítulo é dedicado para confirmar a crença do autor na não existência da necessidade do conceito já que as ditas propriedades mentais são na verdade propriedades dos objetos (portanto, Dennett acredita que a árvore faz sim barulho).

Porém a crença é mais madura. E a forma como é explicitada é menos debochada que no artigo, apesar de ainda apresentar um texto característico.

O que emerge do capítulo como sendo principal linha de pensamento, é o fato dos qualia serem avaliados como estados mentais sendo que são, na visão de Dennett, propriedades do mundo externo.

Assim, o vermelho é uma característica de determinados objetos que possuem determinadas propriedades físicas e nós somos seres com capacidade de absorver tal informação. Os julgamentos feitos após a coleta de tal informação são feitos num segundo momento, agora sim, por estados mentais.

O amarelo é sinal de alerta porque fomos (humanos, mamíferos ou até mesmo insetos) condicionados pelo meio a fazer tal julgamento.

## 7. Consciousness Reconsidered

Flanagan, em , vem para colocar panos quentes nos ânimos exaltados.

Começa dizendo que Dennett em está sendo muito radical com seu reducionismo e que seria melhor uma modificação na definição do conceito de qualia.

Qualia nada teria em relação às quatro propriedades da definição tradicional<sup>3</sup>, e que seria melhor uma definição mais intuitiva. Assim qualia seria a forma como as coisas são para nós (“*the ways things seems*”). Desta forma o conceito se mantêm, mas se moderniza.

O autor dá quatro razões pelas quais acredita ser necessário esse conceito:

---

<sup>3</sup> Considera que tais características realmente tornam o conceito intuitivo incoerente.

- Ele distingue os estados mentais com sentimento dos estados sem sentimento.
- Experiência subjetiva é iluminadora em termos dos tipos de estados mentais que se distinguem por sentimentos.
- O vocabulário que nasce da tentativa de exteriorização das propriedades qualitativas aumenta a geração de hipóteses e teorias dos níveis mentais de mais baixo nível.
- É uma evidência poderosa para a heterogeneidade das experiências subjetivas.

Defende a ampliação do conceito para que ele englobe mais casos. Casos em que a comparação interpessoal é claramente possível e que mostram que as quatro propriedades questionadas por Dennett tornam realmente incoerente o conceito.

Um exemplo é considerar que as crenças e conhecimentos de um indivíduo também são experimentados usando através de um quale. A exteriorização de uma crença é algo trivial no cotidiano humano. Nos é comum entendermos quando alguém diz que acredita que vai chover. E não há porque ser de outra forma. Aí a comparação interpessoal tanto é possível como é imediata (derrubando a propriedade que diz que o quale é intrínseco).

Há, também, uma nova discussão sobre o exercício de Chase e Sanborn. Mais argumentos tratando do ponto cego. Ao final do capítulo, a sensação que se tem é que o autor não deseja atacar Dennett diretamente, mas concorda que mudanças no conceito devem ser feitas.

## 8. O mundo sem questionamento

Há uma infinidade de artigos e livros que tratam do conceito de qualia sem o peso do dilema de sua existência. Autores que simplesmente usam o conceito antigo para corroborar ou invalidar um modelo de análise da mente como em .

São artigos que discutem sobre se é válido usar o funcionalismo para explicar os estados mentais. Tem-se uma negativa , uma reafirmação da possibilidade (réplica à negativa mostrada anteriormente) em . E um artigo que mostra um amálgama das idéias centrais dos artigos anteriores .

Isso somente para ilustrar a vastidão do conceito de qualia, principalmente sendo usado como um conceito verdadeiro.

## 9. Colhendo frutos

A quantidade de material falando de qualia é enorme. Não caberia aqui um survey do assunto, nem mesmo um survey do dilema da existência de tal conceito. Porém com os trabalhos apresentados já é possível conhecer o problema e mais, avaliar o quanto se avançou em direção à solução.

Pode-se dizer com certeza que, assim como todos os outros questionamentos filosóficos levantados a muito, a determinação da existência dos qualia está longe de ser uma unanimidade.

Diz-se que a história é feita em três etapas, a tese, a antítese, e a síntese. A pesquisa apresentada nas sessões anteriores procurou mostrar que esse caminho já foi seguido, pelo menos parcialmente. Começando com *Quining Qualia*, , temos como tese a inexistência do conceito<sup>4</sup>. Dando um passo, temos a antítese pela negação da inexistência com os trabalhos que combatem os argumentos de Dennett (,,). E por fim, tem-se a síntese, que vem para colocar um ponto final na discussão. Flanagan faz esse papel em , não nega que Dennett está correto em alguns pontos, mas não permite que o conceito seja de todo abandonado.

Assim tem-se retratada aqui, uma trajetória que bem poderia ser suficientemente completa para que seus frutos fossem considerados pela ciência. Mas não é isso que se encontra.

A argumentação é sempre baseada em suposições e experimentos bem delimitados. As justificações parecem completas porque são sempre apresentadas supondo-se que são completas. Ao ler uma justificação que contradiz uma anterior tem-se a mesma impressão. Ou seja, as justificações não são de todo suficientes para provar que são verdadeiras.

Para ilustrar, toma-se o exemplo a seguir.

---

<sup>4</sup> É claro que negar a existência de um conceito é a antítese da própria definição do conceito. Porém, aqui, o trabalho começa justamente com o questionamento do conceito, sendo, portanto a tese.

Pode-se dizer que, olhando para a Figura 1, há somente duas possibilidades:

- a) O círculo que se vê, e que não está lá, é criado pela imaginação que tem uma preferência pela ilusão.
- b) O círculo que se vê, na verdade, é construído por uma incapacidade de exatidão em detectar o contraste de luminosidade, portanto o círculo está realmente ali.

E, não há pessoa capaz de dizer uma terceira possibilidade.



**Figura 1** – Vários retângulos e nenhum círculo.

Mas, todas as pessoas, em todos os casos, vêem o círculo? Não pode haver uma explicação improvável hoje, mas que possa solucionar a questão num nível neurológico mais apurado daqui a alguns anos?

Sem um modelo biológico completo, não há argumentação filosófica suficiente para provar nenhum comportamento mental. Seria preciso a elaboração de uma teoria matemática ampla que explicasse e provasse os processos apresentados. Mera argumentação pseudológica não é suficiente.

Porém, é se baseando nessa argumentação filosófica que muitos autores baseiam suas afirmações. Argumentações sem elaboração lógica ou biológica.

## 10. Debate

Então, todos os trabalhos já elaborados sobre o tema são inúteis? Claro que não. Esses trabalhos são extremamente importantes para elaboração dos contornos do problema.

Eles mostram que muito se fala sem se conhecer exatamente sobre o que se fala. Acabam falando da mesma coisa sem conseguir se entender.

O problema da existência do qualia é na verdade, um problema de incerteza na barreira entre dois níveis de abstração. Não se sabe ao certo o que pertence a cada um dos dois níveis adjacentes.

Alguns de nossos comportamentos mentais são tidos como provas da existência dos qualia. A

Figura 1 mostra um exemplo. Ao olhar para a figura, vemos claramente um círculo mesmo sem que ele esteja explicitamente na figura.

O argumento é que, independente da condição mental, das vontades individuais, o círculo não pode deixar de ser visto. Isso se daria pela existência dessa propriedade de nossa consciência chamada quale. Nossos sensores nos fornecem as experiências ad-hoc, portanto não temos controle sobre que experiências seriam essas.

Porém, o que impede o uso do outro nível de abstração? O que impede que os sensores, nesse caso, estejam nos fornecendo as coordenadas corretas e nossa mente é que julga erroneamente, usando de algum comportamento de preenchimento?

O argumento não é suficientemente forte para provar qualquer que seja a tese. Assim como tantos outros argumentos que não conseguem provar nem a existência nem mesmo a não existência.

O que difere é a forma de encarar o processamento de todos os inputs mentais. Seriam eles provenientes diretamente dos sensores, ou seriam eles processados e só então analisados.

A cor é algo que nos é apresentado à mente pelos nossos sensores, ou eles nos apresentam apenas dados físicos, químicos, elétricos, e à mente cabe a responsabilidade de processar e tomar as decisões necessárias para que esses dados sejam convertidos em sensações ou experiências.

O conceito de qualia não é suficientemente delimitado para poder ser usado para nomear alguma parte do processamento mental responsável pelas sensações e experiências.

Este conceito intuitivo baseado em idéias filosóficas só tira a concentração do problema real que é descobrir como as informações dos sensores são processadas pela mente. Se informações físicas sobre a propriedade da luz refletida em um objeto, captadas por olhos e encaminhadas ao cérebro são capazes de se transformar em sensações positivas ou negativas pode ser graças à iteração da mente<sup>5</sup>.

Porém tal mente pode trabalhar com as informações brutas dos sensores, não há necessidade de que a informação transmitida nos nervos seja *vermelho*<sup>6</sup>, pode ser o nível de um

<sup>5</sup> Note que se cabe a mente, então os qualia não existem. Porém se a mente já recebe a informação pronta sobre a positividade da sensação, então entre-se um quale.

<sup>6</sup> Tomando emprestada a notação, em , de que os sinais que passam pelos nervos são os quale sem

neurotransmissor específico ativado pelo comprimento de onda certo, e somente a mente saberia que esse nível significa *vermelho*.

A existência do conceito de qualia que pretende que as experiências são produzidas e fornecidas à mente não é relevante, pois não explica onde as experiências são produzidas.

Mesmo o conceito tradicional das quatro propriedades introspeccionistas, não é válido, pois de que adianta algo que funciona se não se sabe como ou porque? A abordagem de que os qualia são a forma como sentimos o mundo também não ajuda, pois tão pouco explica a forma como é feito.

Porém, o caminho é promissor. Em há um real e significativo avanço no campo biológico e, porque não, estatístico do estudo do cérebro atuando em conjunto com a mente. Há o começo de um estudo voltado para comportamentos constatados no lugar de argumentos filosóficos. É o caminho natural seguido entre o introspeccionismo e o behaviorismo no tocante do conceito em específico.

Os motivos para o conceito, levantados em são preciosos, porém não forcem a existência sua existência. São motivos que diferenciam, principalmente, estados mentais dotados de sentimentos de estados mentais racionais.

O caminho para o modelo biológico já começou.

## 11. Conclusão

Esqueça os qualia, tome as rédeas de sua pesquisa sobre experiência sem usar nenhuma vez o conceito. Ao final, quando todo o processo estiver mapeado, delineado e entendido, inclusive nos estágios mentais, volte ao início e questione se cabe, em alguma etapa, o conceito de qualia.

Pois, sem um modelo biológico ou matemático qualquer argumentação pode ser falha.

Ao final, tem-se que, como proposto por Flanagan, o ideal talvez seja cortar a linha emaranhada que prende a pipa do conceito qualia e ficar apenas com a linha que prende a pipa das sensações, em , página 85.

## 12. Referências Bibliográficas

[1] Block, N. J. (1980). *Are Absent Qualia Impossible?* Philosophical Review, 89: 257-274.

[2] Dennett, D. C. (1988). *Quining qualia*. In A. J. Marcel, & E. Bisiach (Eds.), *Consciousness in contemporary science* (pp. 42±77). Oxford: Clarendon Press/Oxford University Press.

[3] Dennett, D. C. (1991). *Consciousness explained*. London: Penguin.

[4] Flanagan, O. (1992), *Consciousness Reconsidered*. Cambridge, MIT Press

[5] Kind, A. (2001). *Qualia Realism*. *Philosophical Studies* 104: 143–162. Kluwer Academic Publishers.

[6] de Leon, D. (1997). *The Qualities of Qualia*. *Communication & Cognition* Vol. 34, Nr. 1&2

[7] Park, E. (1997). *Against Dennett's Eliminativism: Preserving Qualia as a Coherent Concept*. *The Dualist*, vol 4.

[8] Ramachandran, V.S.; Hirstein, W. (1997). *Three laws of qualia: what neurology tells us about the biological functions of consciousness*. [Journal of Consciousness Studies](#), Volume 4, Numbers 5-6, 1997, pp. 429-457(29)

[9] Searle, J. O. (1998) *Mistério da Consciência*. São Paulo: Editora Paz e Terra. 1998. 239 p.

[10] Shoemaker, S. (1981). *Absent Qualia Are Impossible: A Reply to Block*. *The Philosophical Review*, 90: 581- 599.

[11] Tourinho, C. D. C. (2002). *O problema da consciência no cenário contemporâneo da filosofia da mente: o debate entre John Searle e Daniel Dennett*. *Episteme*, Porto Alegre, n. 14, p. 181-184, jan./jul.

[12] Vicentini, M. R. (2001). *O critério de desempenho: do behaviorismo ao funcionalismo*. Acta Scientiarum, Maringá.